

## O MITO DE SÍSIFO E A REPETIÇÃO

Catarina Gomes da Silva<sup>1</sup>

Alguns sujeitos são dotados de um tipo de satisfação peculiar que incita a um contrassenso no mínimo curioso, o de se manterem felizes na infelicidade de seus dissabores. Compreendendo-se a expressão “manter-se feliz na infelicidade”, como alusão à tendência que algumas pessoas têm de regressar a sensações já experimentadas, a fim de alcançarem a satisfação em um aconchego psíquico. Essas tendências regressivas e conservadoras são os efeitos movimentados pelo desejo de se manter acomodado no conforto de um leito infantil, aquele o qual o sujeito apreendeu como sendo de sua total segurança e proteção desde a infância. Determinados sujeitos que funcionam neste movimento compulsivo de repetição, acreditam que tal sofrimento ocorre por merecimento e que nada poderá modificar a condição de vida a que se está destinado.

Estes movimentos regressivos e conservadores estão arrolados no decorrer da obra de Freud (1856 - 1939), na importante exegese acerca da Pulsão de Morte, principalmente em seu artigo *Além do Princípio do Prazer* (1920). Neste artigo, Freud (1920/2006, p.137) exorta que o princípio de prazer corresponde a um modo de funcionamento primitivo/primário do aparelho psíquico que, ante as dificuldades do mundo exterior, revela-se ineficiente e perigoso diante da necessidade de uma imposição das demandas do ambiente. Assim, para manter-se em equilíbrio, o sujeito fará uso de mecanismos emocionais moduladores de sua ansiedade frente ao desejo reprimido e por vezes recalçado, o que não significa dizer que estará a salvo quanto à sua tranquilidade psíquica, uma vez que tais mecanismos moduladores - os mecanismos de defesa - quando utilizados excessivamente e sem o reconhecimento de sua catarse, acabam por levar a atitudes que aprisionam o sujeito a situações que ele repudia, mas não consegue se desvincular.

---

<sup>1</sup>Psicóloga, Pós - Graduada na Clínica Psicanalítica pelo Centro Universitário CESMAC; membro do Ato Analítico Instituto de Formações Clínicas e do Grupo de Estudos Lacanianos Lampejo; graduada em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas pela Universidade Federal de Alagoas - UFAL. E-mail: [catarina.psi.clin@gmail.com](mailto:catarina.psi.clin@gmail.com)

A pulsão de morte, segundo Lacan (2004, p.85 *apud*Quinet) “é o que faz com que o sujeito falhe diante do imperativo da vida”, e dessa maneira ele volta a um estágio inicial como se estivesse em um círculo vicioso, retornando ao estágio do nada e dali recomeçando a busca por uma satisfação neuroticamente inalcançável para retornar, novamente, a este mesmo estágio, o do nada. Tal ocorrência dá-se sempre que se vê diante de uma necessidade de se impor ou de tomar decisões diante das demandas do meio ou da vida. Este movimento cíclico lembra a estória da Mitologia Grega sobre Sísifo, segundo Franchini e Seganfredo (2010, p. 430 - 432), considerado o homem mais astucioso de todos os mortais e, sendo acusado de roubar os segredos dos deuses e de enganar a morte, é condenado a um castigo árduo e eterno, o trabalho sem fim de subir ao cume de uma montanha extremamente íngreme, carregando nas costas o peso insuportável de uma pedra, chegando ao topo da montanha, ele deveria deixar que a pedra rolasse de volta ao vale da morte, desceria e tornaria a subir a montanha com a pedra nas costas, repetindo esta mesma tarefa infinitamente.

A epopeia de Sísifo é marcada por situações de repetições quanto às suas escolhas e atos, no que se compreende uma sujeição às atitudes de seus antepassados:

“Sísifo era filho de Éolo, deus dos ventos e descendente direto de Prometeu. Importa muito saber isso, pois Prometeu é o primeiro de uma linhagem de notórios embusteiros (foi ele quem furtou o fogo dos deuses) que proliferarão por toda a mitologia. (...) Sísifo, tal como seu ilustre antepassado Prometeu, não tinha pudor algum de se meter nos assuntos divinos”. (FRANCHINI e SEGANFREDO 2010, p. 431).

A dinâmica do *Mito de Sísifo* é uma boa ilustração para a forma como se comporta o sujeito que sofre com as repetições em suas escolhas – e de fato existe um sofrimento mesmo que haja alguma compensação ou ganho secundário - com a sensação da incapacidade de alcançar a satisfação de seu desejo real, agindo sob a égide de uma ordem superior e suprema, pela expiação de sua culpa por almejar saciar seu prazer pulsional primário, mantendo-se na posição de alguém que está destinado a uma insatisfação perpétua, assim como Sísifo, obedecendo à ordem do castigo imposto por um erro cometido, dessa maneira acredita estar a salvo das próximas investidas da vida sobre sua capacidade de se impor ou tomar decisões. Correr novamente o risco de errar significaria um desgaste psíquico extremamente incômodo, sendo mais viável e confortável retornar a um estado de inércia para, daí então, recomeçar outros propósitos que tendem a não se concretizarem, pelo medo de errar e pela culpa em satisfazer-se em

seu desejo real. A crença desse sujeito, quando esbarra na impossibilidade psíquica de se sentir realizado, geralmente é de que esteja destinado a esta condição de derrota, que seria não concretizar suas metas e não satisfazer seus desejos. Mas, qual teria sido mesmo o erro cometido, para receber tal castigo? O de driblar a morte? Não, o de realizar seu desejo.

O mesmo ocorre com o sujeito que é movido por uma energia pulsional mortificante; quando tenta driblar essa energia mortífera que propõe a anulação de sua saciedade, é impedido pela sensação de culpa e pela necessidade de manter-se na condição de fracasso. Obter sucesso na busca da realização de seu desejo real é manter-se vivo, é atingir uma satisfação para a qual não estaria destinado, assim como Sísifo, que aprendera com seus antepassados que sua existência é errante, assumindo/herdando deles a notória capacidade de ser astuto e mais sábio/esperto que os deuses, sendo assim, “merece” o castigo de jamais terminar seus propósitos: começar talvez, concluir jamais.

Concluir uma meta é atingir o ápice de um desejo, isso leva a uma satisfação que por certo apreendera como lhe sendo proibida. Para manter-se seguro e acomodado, retorna ao princípio, assim como no castigo imposto a Sísifo, em que ao chegar ao fim de uma jornada, ainda ofegante pelo esforço da subida íngreme, permite que seu esforço tenha sido em vão, deixando escapar por suas próprias mãos o objeto que tanta energia investira para alcançar o cume da montanha, previamente sabendo que não obteria êxito na execução da tarefa e, provavelmente insatisfeito e ruminando essa insatisfação, acata tal castigo como lhe sendo pertinente pela ousadia de querer satisfazer seus desejos. A ação é obedecer à ordem suprema que emana do arcabouço de recalques do inconsciente, movimentando-se no que Freud (1920/2006, p.145) intitula de “compulsão à repetição, que deve ser atribuída ao recalco inconsciente”. Rudinesco e Plon explicam a compulsão à repetição como sendo:

“De origem inconsciente e, portanto, difícil de controlar, essa compulsão leva o sujeito a se colocar repetitivamente em situações dolorosas, réplicas de experiências antigas. Mesmo que não se possa eliminar qualquer vestígio de satisfação libidinal desse processo, o que contribui para torná-lo difícil de observar em estado puro, o simples princípio de prazer não pode explicá-lo.” (RUDINESCO e PLON, 1998 p. 631)

A satisfação adquirida na repetição de um desprazer acomoda o sujeito e acalma a angústia porque remete a uma sensação a qual ele já está habituado e o faz sentir-se confortável, mesmo que remonte a situações de dor e sofrimento. A compulsão à repetição está entrelaçada à pulsão de morte, na medida em que:

“também faz retornar certas experiências do passado que não incluem nenhuma possibilidade de prazer e que, de fato, em nenhum momento teriam proporcionado satisfações prazerosas, nem mesmo para moções pulsionais recalçadas naquela ocasião do passado (...) há uma coação que obriga a essa repetição.” (FREUD, 1920/2006, p. 145-147).

A menção a um tipo de literatura clássica, como o da Mitologia Grega, para exemplificar os pressupostos teóricos aqui narrados, não descarta tais acontecimentos na contemporaneidade, os escritos de Freud estão cada vez mais atuais e, em que pese à necessidade da contestação típica da produção do conhecimento científico, não há como negar a presença fortemente atuante da energia mortífera que aprisiona determinados sujeitos em uma espécie de redoma protetora de suas próprias potencialidades, fazendo-os funcionar naturalmente na compulsão à repetição de não atingirem a satisfação do desejo. É cada vez mais comum se ouvir expressões do tipo “não consigo parar com tal comportamento”; “não consigo concluir nada”; “nada dá certo para mim”; “não consigo deixar determinado vício”; “não consigo terminar o relacionamento que me faz sofrer”; “não consigo sair desse sufoco”, o sujeito sofre com a impossibilidade de atuar na satisfação do seu desejo real, mas se acomoda diante da coação imposta pela tirania do recalçado inconsciente.

A Análise propõe uma “cura”: o reconhecimento desse impulso mortífero, trazendo à tona e compreendendo os conteúdos recalcados de maneira a afrouxá-los, dando ao sujeito a possibilidade de libertar-se das amarras de sua tirania, estando livre para acessar a satisfação de seu desejo real.

O acesso a essa nova forma de vida, se dá através da transferência, quando poderá se tornar possível o dispensar das palavras, por parte do analisando, em associação livre, remontando as questões inconscientes a cada sessão, por vezes repetindo o discurso, porém decodificando aos poucos o teor significante das mensagens nele contidas, proporcionando ao sujeito a condição de se autorizar a assumir seu próprio desejo, livrando-se da necessidade inconsciente de ter que dar conta da retransmissão da fantasia alheia, assim tornando-se responsável por seus atos e conseqüentemente sendo autor de sua própria história, na verdade permitindo eclodir uma nova história de amor, que consiste no reconhecimento da existência de uma satisfação pessoal e intransferível: o desejo real.

Castanet (2012, p. 89) aborda o futuro desse amor como resultante da análise sob duas instâncias: primeiro pela travessia da fantasia, quando o sujeito se autoriza a viver

os sabores e dissabores do seu desejo real, conseguindo separar-se dos desejos alheios; depois pela identificação ao sintoma:

“A identificação ao sintoma implica que o sujeito cessou de questionar, de contestar, de justificar seu gozo e que aceita, pois nele reconhecer seu ser. É seu desapego do ser de gozo, daquilo que ele é como sintoma, que ordena para o sujeito a possibilidade nova do amor” (CASTANET, 2012, p. 92).

A “cura” é a possibilidade de escolher novas possibilidades dentro das mesmas necessidades inconscientes, agora decodificadas.

## **REFERÊNCIAS:**

CAMUS, A. *O Mito de Sísifo*. s.n.r. 1942

FRANCHINI, A. S.; SEGANFREDO, C. *As 100 melhores histórias da mitologia*. Deuses, heróis, monstros e guerras da tradição Greco-romana. Porto Alegre: L&PM, 2003.

FREUD, S. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud*. Escritos sobre a psicologia do inconsciente (1915 – 1920). Vol. 2 Rio de Janeiro: Imago, 2006.

QUINET, A. *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zaar Ed., 2004.

QUINET, A. e ORG. *O amor e o divã*. Estudos psicanalíticos. Joinville: Letradágua, 2012.

ROUDINESCO, E; PLON, M. *Dicionário de Psicanálise*. Tradução: Vera Ribeiro, Lucy Guimarães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.